

A Revolução Gaúcha de 1923 sob o prisma de revistas ilustradas do Rio de Janeiro









# A Revolução Gaúcha de 1923 sob o prisma de revistas ilustradas do Rio de Janeiro



- 107 -



### CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

### Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

### António Ventura

- Universidade de Lisboa -

### **Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

### Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

### **Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

### Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

### Francisco Topa

- Universidade do Porto -

### Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

### João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

### José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

### Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

### Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

### Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

### Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

### Francisco das Neves Alves

# A Revolução Gaúcha de 1923 sob o prisma de revistas ilustradas do Rio de Janeiro





Lisboa / Rio Grande 2025

### DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord) Carla Oliveira Cécile Méadel Fabrice d'Almeida João Luís Cardoso José Ignacio Ruiz Rodríguez Valérie Dévillard Pierre-Antoine Fabre

### COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.) Darlinda Moreira Jeffrey Scoot Childs Rosa Sequeira Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.) José Bernardino Milene Alves Paula Carreira Susana Alves-Jesus

### DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

### Ficha Técnica

- Título: A Revolução Gaúcha de 1923 sob o prisma de revistas ilustradas do Rio de Janeiro
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 107
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2025

ISBN - 978-65-5306-031-9

CAPA: CARETA. Rio de Janeiro, 1º dez 1923.

#### Sobre o autor:

Alves Francisco das Neves é Professor Titular Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017),**PUCRS** (2018),à Cátedra Infante Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

### **SUMÁRIO**

Revista da Semana: o predomínio da fotorreportagem/11

Careta: a preeminência da arte caricatural e algumas matérias textuais / 57

# Revista da Semana: o predomínio da fotorreportagem

A Revista da Semana surgiu no Rio de Janeiro, em 1900, como suplemento ilustrado do Jornal do Brasil condição na qual permaneceu até 1915, vindo a ter uma longeva circulação, que durou até o final dos anos 1950. Tal periódico exerceu um papel pioneiro, ocupando-se principalmente das atualidades sociais, políticas e policiais, vindo a tornar-se leve, alegre, elegante, com as ilustrações e disputando as preferências do público da época com algumas das principais revistas cariocas1. Seus mais recorrentes elementos constitutivos eram as fotografias, as vistas instantâneas, os desenhos e as Buscou nível dos caricaturas. estar ao semanários do mundo, estabelecendo um crescente anseio de perfeição e visando a debater as grandiosas questões do momento. De acordo com a redação, a respeito da construção editorial, destacava-se publicação de quatro consultórios, o médico, o jurídico, o odontológico e o da mulher, confiados a profissionais de competência e ilustração reconhecidas. Foi também redigida a seção especial, denominada Jornal das Famílias, que se tornou leitura obrigatória das rainhas do lar e das mulheres puramente ciosas da sua coroa de elegância e de graça. Ainda intentou abrir nas suas páginas

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 274, 297, 301 e 326.

campanhas de alto objetivo patriótico. Os orientadores do periódico enfatizavam que naquelas páginas impressas seria editada a colaboração de vários escritores e artistas, bem como pretendia empreender os maiores esforços para dotar o Brasil com uma publicação digna da sua grandeza e dos seus merecidos foros de cultura<sup>2</sup>.

Na edição de transição de 1922 a 1923, o magazine renovava seus objetivos, a partir do editorial "O que fomos, o que somos, o que aspiramos ser". Em tal edição, a publicação dizia estar comemorando seu vigésimo terceiro aniversário, lembrando a época em que inaugurara "a fotogravura na imprensa ilustrada nacional". Afirmava também que, além de introduzir tal técnica, apresentava "inovações consideráveis" termos das revistas ilustradas, até então, "quase exclusivamente dedicadas à caricatura e ao humorismo. ou modeladas pelo gênero já anacrônico do 'panorama' e do 'arquivo pitoresco'", os quais "haviam bastado a entreter os serões de nossos avós". Informava que, com sua criação, o intento seria o de "criar no Brasil uma revista no gênero das publicações ilustradas de grande formato, isolada da política", tendo por modelo as edições francesas da época. Retomava seu escopo original de constituir "um órgão ilustrado informação", revisando "tudo quanto se passar durante a semana", por meio de "excelentes gravuras" e juntando "o texto necessário para a boa compreensão dos fatos, embora em regra", se empenharia "em

\_

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921.

multiplicar de tal modo as estampas, escolhendo-as tão bem, que dispensem comentários"<sup>3</sup>.

Tais princípios editoriais teriam sido confirmados em meados da primeira década dos Novecentos, pretendo a revista constituir "um cinematógrafo da vida brasileira", voltado "aos domicílios, e que se guarde e colecione e consulte", ao projetar não só "imagens, mas também ideias". Teria por "divisa" o ato de "instruir, divertindo" e "entreter ensinando". Pretendia assim "ser culta, esforçando-se por não parecer frívola; elegante, dedicando-se a não ser enfadonha", além de diligenciar "nunca ser banal". Apontava que durante sua existência chegara a passar por dificuldades, mas também vários progressos, como o aumento da tiragem e do formato, de modo a estar "em condições de ombrear com as revistas mais prestigiosas da Europa e da América do Norte"<sup>4</sup>.

No início da década de 1920, os responsáveis pela edição diziam se ufanar da "obra" que edificaram, pois, se não houvesse "outro mérito", ao menos buscaram manter "a escrupulosa observância de um programa moral", que erigiram "em doutrina invariável da nossa ação". Nessa linha, afirmavam que "nunca na *Revista da Semana* encontraram estímulo ou sequer guarida os sentimentos baixos, a malevolência, a inveja e o desrespeito", permanecendo "sempre imaculada, na nobreza íntegra das suas originárias intenções", empenhando-se "em mostrar o Brasil nos aspectos mais representativos da sua cultura, da sua civilização e do seu progresso" e sem envolver-se "em escândalos e polêmicas" e nem servindo a "interesses inconfessáveis",

<sup>3</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 30 dez. 1922.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 30 dez. 1922.

permanecendo "independente e honrada". Os editores garantiam ainda que o magazine ilustrado nunca levara "a nenhum lar desgosto, vergonha ou vexame", podendo ser folhada por "mãos inocentes" e estimada por "homens de bem", pois, mesmo lhe fosse escasso "o resplendor do talento, nunca lhe há de faltar a honestidade". A partir de tal "patrimônio" e "capital de honra", pretendiam "preservar o crédito, conservar o prestígio" e "manter as simpatias dos leitores"<sup>5</sup>.

Levando em conta tais orientações editoriais, juntamente do ambiente coercitivo à liberdade de expressão que marcava o período e as próprias restrições advindas ao abordar um tema grave como uma guerra civil, a *Revista da Semana* teve no fotojornalismo o modelo de enfoque fundamental ao tratar da Revolução de 1923. A fotorreportagem era já uma tradição das publicações do gênero ilustrado e o magazine acompanhava tal tendência<sup>6</sup>. Nesse sentido, ao abordar

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 30 dez. 1922.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> A usual utilização do fotojornalismo como estratégia editorial das revistas ilustradas pode ser vista a partir de: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008. p. 105.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008. p. 101.; LUCA, Tania Regina de. Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944). São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 2-3.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Aproximações cultura e política. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 112.;

os temas sul-rio-grandenses, a revista utilizou-se amplamente de um conjunto de fotografias, normalmente acompanhadas de breves descrições<sup>7</sup>.

A utilização em larga escala da fotorreportagem não só era concernente com o *modus operandi* da publicação, como vinha ao encontro da perspectiva de que o registro fotográfico, por si só, poderia trazer consigo o significado da verdade, a partir da suposição de que a fotografia em si teria condições de traduzir a expressão da realidade. A busca por privilegiar tal fonte propalada como verdadeira, serviria assim para reforçar pressupostos como neutralidade, independência e isenção, tão bem-quistas às empresas jornalísticas, embora de inexequível realização<sup>8</sup>.

MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008. p. 142, 144, 145 e 148.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 376.; e SCALZO, Marília. Jornalismo em revista. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-14.

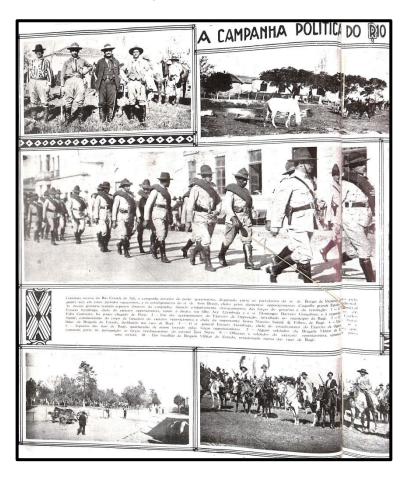
<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> A respeito da técnica da fotorreportagem, ver: BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 164.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Sobre o uso da fotografia como uma suposta expressão da verdade, observar: COSTA, Joan. *La fotografia entre sumisión y subversión*. México: Editorial Trillas, 1991. p. 59-60.; FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. 8.ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999. p. 8.; KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 27.; e LEITE,

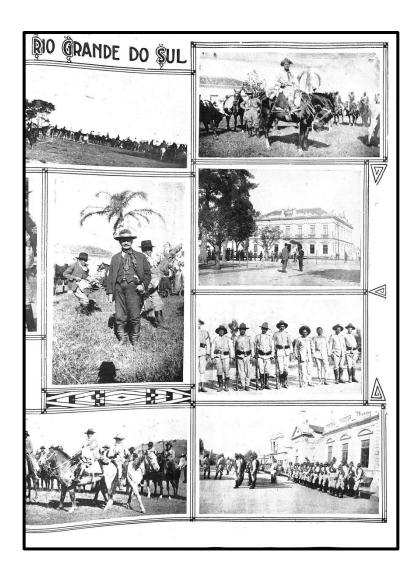
fotorreportagem primeira acerca movimento rebelde gaúcho foi estampada na Revista da Semana em maio de 1923. Sob o título "A campanha política do Rio Grande do Sul", em duas páginas, o periódico trazia dez registros fotográficos. De acordo com o magazine, no Estado sulino continuava "acesa a campanha no derredor do poder governativo, disputado entre os partidários" de Borges de Medeiros, "reeleito pela quinta vez, em cinco períodos sucessivos e os correligionários" de Assis Brasil, "eleito pelos elementos oposicionistas daquele grande Estado meridional". Intentando buscar demonstrar que sua abordagem seria realizada a partir da isenção, a revista informava que as suas "gravuras reúnem aspectos diversos da campanha, fixando conjuntamente destacamentos das forças do governo e da revolução". Nesse sentido, compunham o quadro fotográfico: um general "chefe do exército oposicionista" com outros acompanhantes; um dos acampamentos do exército de oposição, em Bagé; o do corpo comandante lanceiros de do oposicionista; batalhões da Brigada do desfilando em Bagé; o "chefe do estado-maior do exército de oposição"; alguns "aspectos das ruas de Bagé, guarnecidas de arame farpado pelas forças oposicionistas"; "soldados da Brigada Militar Estado"; "oficiais e soldados do exército oposicionista"; e

Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1993. p. 36.

"um batalhão da Brigada Militar do Estado, estacionado numa das ruas de Bagé"9.



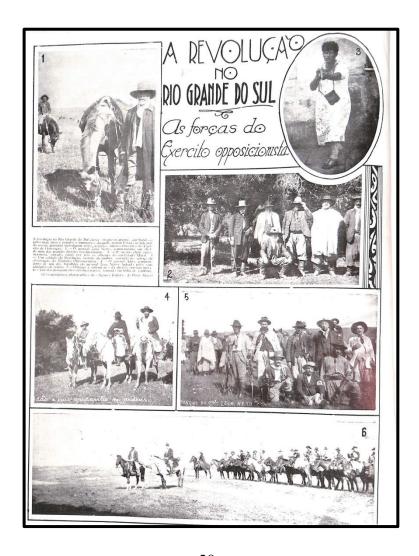
<sup>9</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 12 maio 1923.

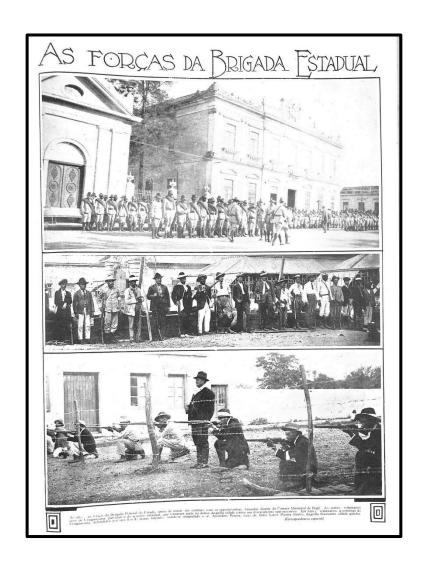


Em seguida, a revista trouxe a fotorreportagem intitulada "A Revolução no Rio Grande do Sul: as forças do exército oposicionista", na qual dizia que a revolta rio-grandense "cresce progressivamente, ampliando-se pelos mais ricos e populosos municípios daquele grande meridional". Explicava que as Estado reproduzem novos aspectos interessantíssimos exército de oposição", dentre elas "o general Zeca Netto, comandante-em-chefe de uma das grandes divisões revolucionárias"; o mesmo líder acompanhado de seu estado-maior; "um soldado da revolução vestido de mulher, servindo no serviço de observação do exército oposicionista"; o coronel Adão, comandante de batalhão e egresso da Revolução de 1893; "oficiais e enfermeiros oposicionista"; e divisão um destacamento revolucionário com formação em linha de combate. A página seguinte era dedicada às hostes legalistas, com "As forças da Brigada Estadual", trazendo a presença de tal brigada formada diante da Câmara Municipal de Bagé; "voluntários civis de Uruguaiana, partidários do governo estadual"; e "voluntários governistas Uruguaiana"10.

\_

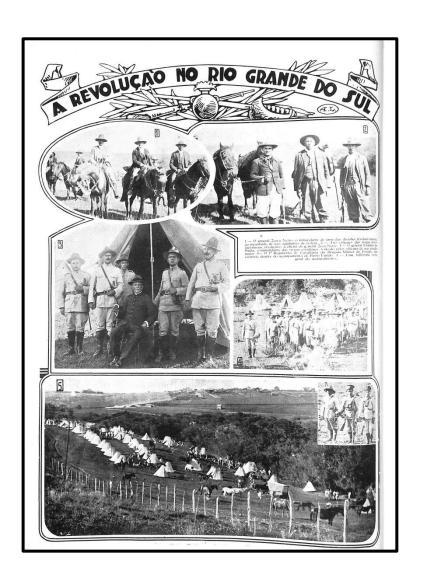
<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 26 maio 1923.

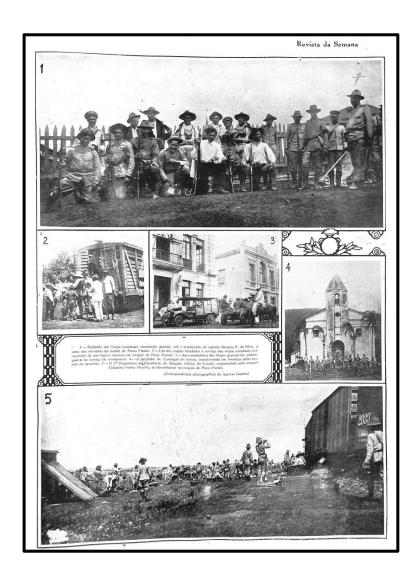




Já em junho, o magazine apresentava mais duas páginas acerca do tema "A revolução no Rio Grande do Sul", contendo registros fotográficos dos dois lados em conflito. Na primeira página, compunham o conjunto: "o general Zeca Netto, comandante de uma das divisões revolucionárias, acompanhado de seus ajudantes de ordens"; "três oficiais das forcas revolucionárias", sob o comando de Zeca Netto; "o general Firmino de Paula, comandante das tropas estaduais", junto de seu estadomaior; um "regimento de cavalaria da Brigada Militar do Estado", na localidade de Passo Fundo; e "uma belíssima vista geral do acampamento". Os registros da segunda traziam: "soldados das forcas página estaduais. montando guarda", na cidade de Passo Fundo; "um dos vagões blindados a serviço das tropas estaduais", em Passo Fundo; "auto-caminhões das forças governistas empregados no serviço de transportes"; uma igreja transformada em fortaleza pelas topas do governo, em Conceição do Arroio; e um regimento de cavalaria da Brigada Militar do Estado estacionado em Passo Fundo<sup>11</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 9 jun. 1923.

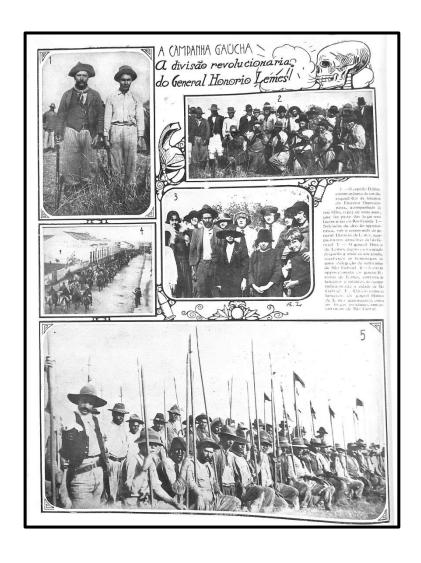


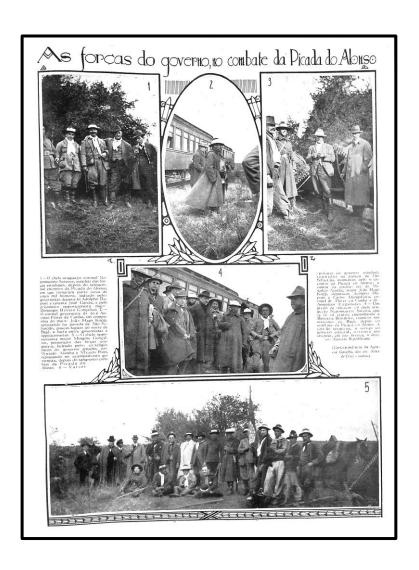


Uma outra inserção à Revolução de 1923 era representada pelo conjunto de fotos denominado "A campanha gaúcha: a divisão revolucionária do general Honório Lemes", que trazia: um capitão que comandava um esquadrão de lanceiros do exército oposicionista, acompanhado de seu filho; soldados libertadores comandados pelo general Honório Lemes, em São Gabriel; o general Honório Lemes durante a ocupação de São Gabriel, recebendo homenagens das senhoras locais; a divisão oposicionista que ocupou São Gabriel; e um grupo de lanceiros em São Gabriel, sob o comando do general Honório Lemes. Pelo outro lado, apresentava "As forças do governo no combate da Picada do Alonso", destacando "o chefe uruguaio coronel Nepomuceno Saraiva, auxiliar das forças estaduais", após a vitória em Picada Alonso, junto de representantes situacionistas e de um prisioneiro oposicionista; "o coronel governista Flores da Cunha", acompanhado de um major, apreciando a luta entre os contendores; um chefe oposicionista nas mãos dos inimigos, depois de "sangrento combate"; "vários próceres do governo estadual"; e "um grupo de soldados do chefe uruguaio Nepomuceno Saraiva". Ainda apareceu uma matéria especial denominada "A mulher na Revolução do Rio Grande", com oficiais governistas acompanhados de suas famílias e um general oposicionista junto de duas senhorinhas12.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 16 jun. 1923.



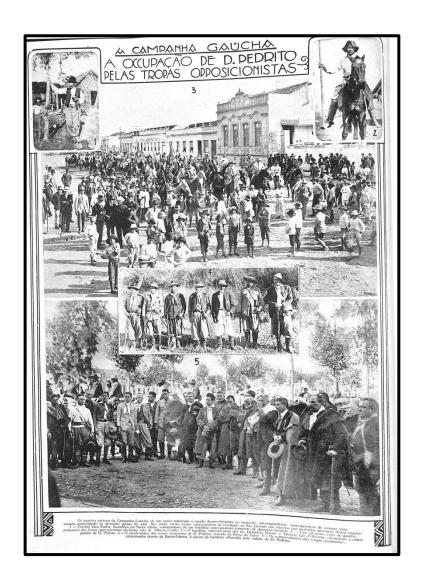




"A revolução no Rio Grande" voltava a figurar em um quarto de página, contendo o retrato de dois comandantes da divisão oposicionista de Honório Lemes e um piquete do mesmo general, ocupando a cidade de São Gabriel. Uma outra página mostrava "A campanha gaúcha: a ocupação de D. Pedrito pelas tropas oposicionistas", apresentando "aspectos curiosos da campanha gaúcha", de modo que a revista explicava que vinha registrando "o rápido desenvolvimento sul-rio-grandense", com fatos reproduziam "de semana para semana, apaixonando as atenções gerais do país", propondo-se a divulgar "várias cenas características da revolução no Rio Grande", que fixava "nas múltiplas gravuras destas páginas". Era o caso de um coronel que comandava um batalhão oposicionista; "um pitoresco tipo de gaúcho, prisioneiro das forças oposicionistas"; um batalhão oposicionista que ocupara D. Pedrito; o estado-maior das tropas rebeldes sediado em tal localidade; e "os comandantes das forças ocupantes estacionados diante da igreja matriz". Também foram estampados os registros da "Brigada Militar em ação", com um acampamento de infantaria; uma trincheira de arame farpado; um coronel acompanhado de oficiais da Brigada Estadual; alguns inferiores do Regimento de Cavalaria do Estado; e um "soldado, sob a influência dos filmes americanos, transformando em trincheira o seu próprio cavalo"13.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 23 jun. 1923.







Um novo registro fotográfico da "Campanha gaúcha" enfatizava "aspectos característicos de

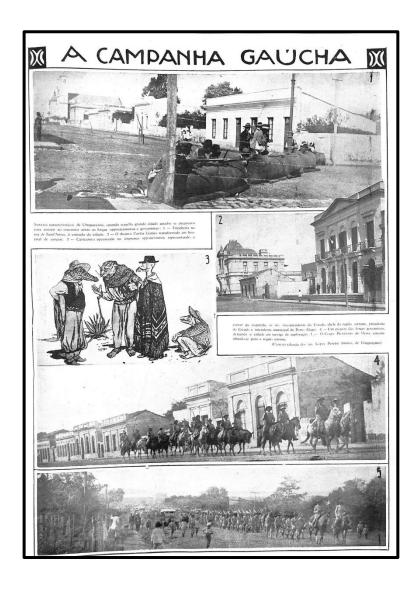
Uruguaiana, quando aquela cidade gaúcha se preparava para assistir ao encontro entre as forças oposicionistas e governistas"; um teatro transformado em hospital de sangue; uma caricatura que criticava personalidades situacionistas, promovendo uma metamorfose termos zoomórficos, com o Vice-Presidente do Estado transformado em um jacaré, o chefe da região serrana, em um tigre, o Presidente do Estado, em um chimango, e o Intendente de Porto Alegre, em um porco; um piquete das forças governistas; e "o Corpo Provisório do Oeste, encaminhando-se para a região serrana"14. Mais adiante "A campanha gaúcha" voltava a figurar, ilustrada com fotografias de "alguns aspectos" de tal campanha, retratando um local de batalha nas proximidades do Rio Ibirapuită; o coronel uruguaio Nepomuceno Saraiva acompanhado da família e de oficiais; um "esquadrão de honra" formado no Alegrete, em missa rezada pela alma dos combatentes mortos e a saída de tal solenidade religiosa<sup>15</sup>. Chegando ao final do mês de setembro, a Revista da Semana voltou a tratar da "Revolução no Rio Grande do Sul", com um conjunto de oito fotografias, que compreendiam: "um grupo de senhorinhas da Cruz Vermelha Libertadora" da localidade de São Gabriel; "o chefe revolucionário Estácio Azambuja passando revista às suas tropas"; um tenente-coronel médico do hospital da Cruz Vermelha Libertadora, acompanhado de seus auxiliares; "o general Azambuja e seu estado-maior"; e a farmácia e a sala de operações de tal hospital<sup>16</sup>.

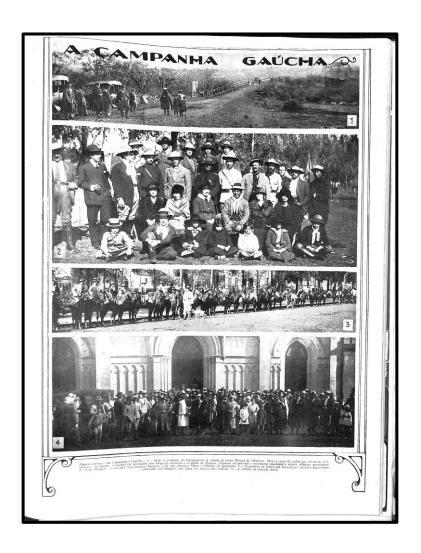
-

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 30 jun. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 4 ago. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 29 set. 1923.







No mês de outubro, o magazine apresentou seu único texto dedicado a abordar o Rio Grande do Sul, exaltando o papel desse Estado na formação da nacionalidade brasileira, dando destaque para a época da Revolução Farroupilha, tanto que a gravura que ilustrava a matéria era a de uma figura equestre do líder farrapo Bento Gonçalves. Além de várias referências ao passado gaúcho, a revista concluía referindo-se ao momento sul-rio-grandense naquele final do ano de 1923:

Todos os que amam o Brasil, todos os que trazem consubstanciado no seu ser o amor incondicional da pátria, essa consciência sagrada de nacionalidade que faz de cada irlandês um titã acorrentado ao sacrifício, todos os brasileiros verdadeiramente brasileiros acompanham com amargura e entusiasmo essa epopeia do Rio Grande do Sul.

Nenhum de nós tem compreensão mais profunda do heroísmo – dessa expressão guerreira de heroísmo, desconhecedora de piedade e vacilações, que transforma seus soldados em gigantes derrocadores de mundos, forças vivas de um ideal em ação – do que o gaúcho.

Cada filho do pampa – desafiador das distâncias, que lhe acenam de horizontes fugidios; alma cheia da poesia romântica das coxilhas e da poesia heroica dos rodeios, por campos e rincões; embirado de amplitude e enamorado da liberdade – é um símbolo de altivez e bravura.

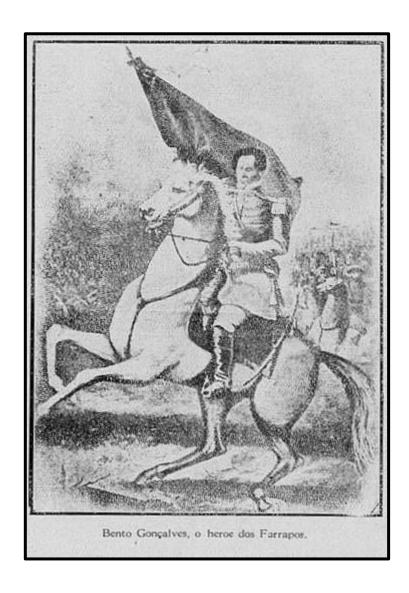
Estancieiro ou peão, filho da opulência ou da miséria, ele é bem o descendente dos homens que

escreveram com sangue, a golpes de energia e valor, alguns dos trechos mais belos da História do Brasil (...).

O rio-grandense, pela altivez que o caracteriza e pela intrepidez que lhe é apanágio, no seu desdém do perigo e descaso da morte, vendo no revés um incentivo para tentar de novo, capaz da generosidade mais alta na paz e dessa crueldade impetuosa que enlouquece guerreiros no delírio embriagador das lutas, é bem uma ressurreição desses homens que investiam ainda – lanças partidas, arneses rotos, escudados de fé apenas – contra um turbilhão de incréus, tendo um nome de mulher nos lábios, para morrer pelo ideal por que viviam. (...)

O que importa é a tristeza de saber que hoje, no Rio Grande do Sul, heróis, irmãos pela pátria e irmãos pelo sangue, se entrematam; é lembrar que é brasileiro o sangue de que se ensopa o solo brasileiro; é sentir nossos todos os que lutam, os que ferem e os feridos, os que matam e os que morrem; o que importa é a paz, paz para o Rio Grande do Sul!<sup>17</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 20 out. 1923.

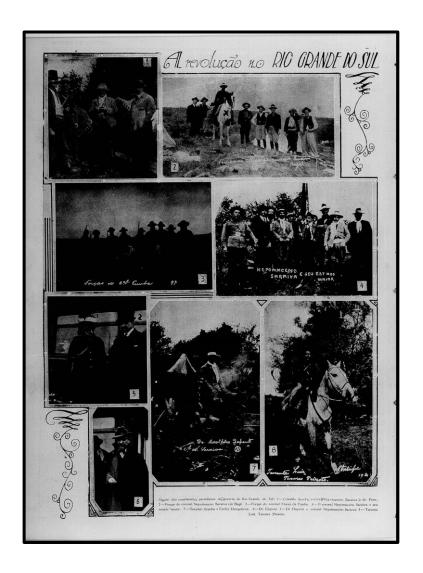


"A revolução no Rio Grande do Sul" voltou a figurar nas páginas da revista em novembro de 1923, com mais oito registros, referentes: ao político e então coronel Flores da Cunha, que comandava regimento governista responsável por debelar a revolta, que estava de passagem por Rosário; aos militares sob o comando de Flores da Cunha; ao tenente-coronel Osvaldo Aranha, comandante em Itaqui; à passagem das forças comandadas por Flores da Cunha em Rosário; a um acampamento em Rosário; ao embarque das tropas no Rio Santa Maria, a um outro acampamento em idêntica localidade; e a mais um acampamento no mesmo local<sup>18</sup>. O título "A revolução no Rio Grande do Sul" se repetia na semana seguinte, incluindo outras oito fotografias, com "alguns combatentes partidários do governo do Rio Grande do Sul", com destaque para: Osvaldo Aranha, Nepomuceno Saraiva e Dr. Pons; as forças de Saraiva em Bagé; as forças de Flores da Cunha; o coronel Saraiva e seu estado-maior; Osvaldo Aranha e Carlos Mangabeira; Dr. Dupont; Dr. Dupont e Nepomuceno Saraiva; e o tenente Luís Tavares Peixoto<sup>19</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 10 nov. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 17 nov. 1923.



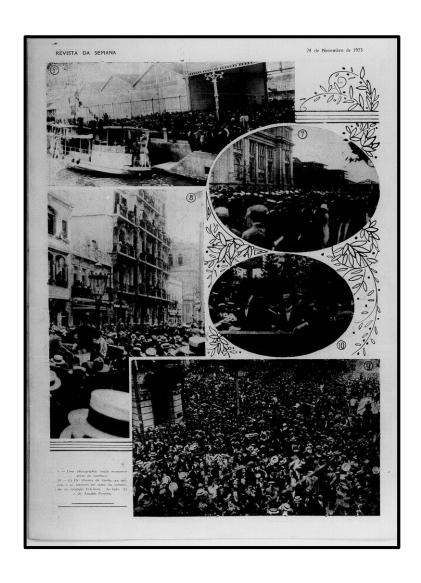


A partir do final de novembro, a presença do general Setembrino de Carvalho no Rio Grande do Sul passou a ser o destague da Revista da Semana, ao tratar do Estado sulino. Foi o caso da fotorreportagem "A chegada do Ministro da Guerra a Porto Alegre", revelando "aspectos da recepção" dedicada ao militar. A cobertura acompanhou Carvalho desde a chegada no vapor Porto Alegre, passando pela recepção no cais de desembarque, a caminho do Grande Hotel e em uma janela do mesmo, "agradecendo as aclamações do povo aglomerado diante do edifício". Era ressaltada a presença da Brigada Policial que viria a tomar "parte saliente nos distúrbios de tão deploráveis consequências ocorridos na ocasião", levando inclusive à morte de a partir da ação repressiva da segunda página da governamental. Na apareciam ainda "uma fotografia tirada momentos antes do conflito" e a saudação ao Ministro da Guerra em nome da comissão de recepção pró-Assis<sup>20</sup>. Já na primeira edição de dezembro, o tema permanecia sendo "O Ministro da Guerra no Rio Grande do Sul", trazendo duas páginas com "aspectos fotográficos de algumas das brilhantes solenidades com que foi recebido o general Setembrino de Carvalho", que se encontrava em terras gaúchas "em missão do Presidente da República para promover a pacificação do grande Estado", com cenas de comemorações ocorridas nas localidades de Santa Maria, São Gabriel, Cachoeira, Rio Pardo e Porto Alegre<sup>21</sup>.

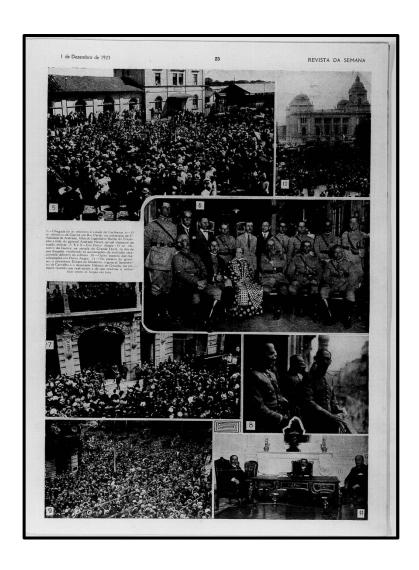
<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 24 nov. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 1º dez. 1923.





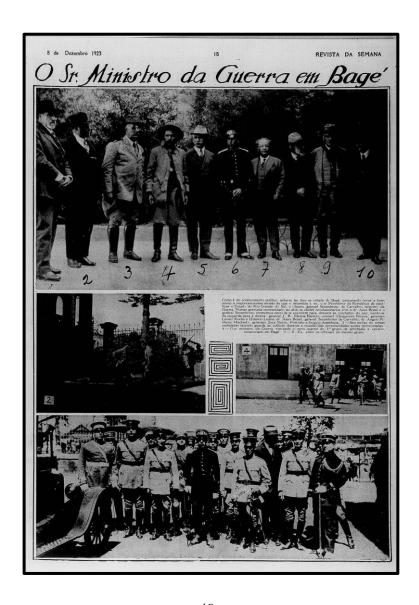




A edição seguinte pautava sua reportagem sobre o Rio Grande do Sul em "O Sr. Ministro da Guerra em Bagé", informando que, "como é do conhecimento público", encontrava-se "há dias na cidade de Bagé, procurando levar a bom termo a importantíssima missão de que o incumbiu o Presidente da República", no sentido "de pacificar o Estado do Rio Grande do Sul, o ilustre general Setembrino de Carvalho". Em tal contexto as "gravuras representam os chefes revolucionários com o Dr. Assis Brasil e o general, momentos antes de se reunirem para discutir as condições da paz"; as "sentinelas de armas embaladas fazendo guarda ao edifício durante a reunião das personalidades"; o Ministro da Guerra visitando quartel em Bagé e junto de oficiais<sup>22</sup>. No próximo número, eram dedicadas duas páginas à matéria "O Sr. Ministro da Guerra no Rio Grande do Sul", na qual foram retratadas cenas da Setembrino participação de de Carvalhos confraternizações marcadas pelo consumo do churrasco; o general junto de damas da Cruz Vermelha; o Ministro da Guerra chegando em Bagé e ali inaugurando um novo quartel; tal autoridade pública falando ao povo e visitando o Hospital da Cruz Vermelha<sup>23</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 8 dez. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 15 dez. 1923.







Por ocasião da notícia do fim dos conflitos em território sulino, a revista publicou matéria especial intitulada "A paz no Rio Grande do Sul", com uma fotomontagem que contava com a presença dos retratos do Presidente da República, de Borges de Medeiros, de Assis Brasil e do Ministro Setembrino de Carvalho e de "chefes dos revolucionários", além de uma fotografia do Castelo de Pedras Altas, "onde foi firmado o documento que pôs termo à luta e restabeleceu a paz no seio da família rio-grandense"<sup>24</sup>. As ilustrações eram acompanhadas por texto carregado de entusiasmo por causa do encerramento da guerra civil:

O país inteiro recebeu com o mais sincero júbilo a notícia da assinatura do acordo que pôs fim à luta fratricida que, há quase um ano, assolava a gloriosa e altiva terra gaúcha e restitui a paz ao Estado do Rio Grande do Sul, uma das mais importantes unidades da federação e um dos maiores fatores de progresso brasileiro.

Dando ciência do auspicioso fato ao Congresso Federal, dirigiu-lhe o Sr. Presidente da República eloquente mensagem (...).

Nestas palavras lapidares estão bem sintetizados o imenso alcance do grande acontecimento que o patriotismo gaúcho acaba de juntar às inúmeras páginas gloriosas que já forneceu à história da civilização da nossa terra e a satisfação inexcedível com que o Brasil viu terminar o lamentável dissídio que tão fundamente atribulava a alma nacional.

Justo é, porém, que a elas se acrescentem algumas outras que exprimam também o

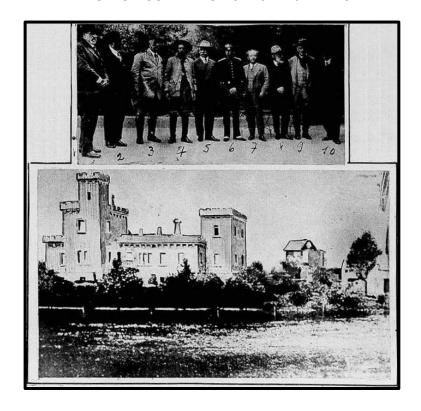
<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.

reconhecimento do país pela nobilíssima ação que durante todo esse sangrento e doloroso episódio desenvolveu o eminente estadista que tão superiormente dirige o governo da República e que, graças à habilidade com que soube secundar o seu digno delegado, o ilustre general Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, produziu o magnífico resultado que a nação agora aplaude com fervor.

O Sr. Artur Bernardes, que desde a primeira hora, graças ao seu alto senso político, mercê da compreensão nítida dos seus deveres de chefe da família que se trucidava, foi o inspirador máximo, o grande realizador dessa etapa fulgurante; e o Sr. general Setembrino de Carvalho que, qual um novo Caxias fadado a fortalecer a unidade nacional pelo apaziguamento das dissensões internas, tão esclarecidamente foi o ministro embaixador da vitória, o taumaturgo desse milagre que é a paz sem humilhações ou submissões – são credores, e dos maiores, da gratidão do Brasil. <sup>25</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.





Nessa linha a opção predominante da Revista da Semana para abordar a Revolução de 1923 constituiu uma postura que vinha ao encontro da sua proposta editorial de ser fundamentalmente uma publicação noticiarista. intentando atingir suposta uma neutralidade perante os fatos. modo, Desse fotojornalismo adquiria uma função de se articular com um noticiário supostamente verdadeiro, uma vez, que, ainda que não seja um documento fixo e absoluto, a fotografia acabava por apreciada ser variabilidade no seio de um regime de verdade. De

acordo com tal perspectiva, a imagem fotográfica passava a assumir um valor documental, tal qual um dispositivo técnico encarado como a representação do real26. Tanto no único texto que publicou sobre o tema, quanto nas breves incursões textuais que acompanharam as fotorreportagens e as legendas das ilustrações, juntamente com o conjunto de fotos, o magazine buscou apresentar uma versão que procurava dar tratamento igualitário às forças em combate no sul, sem críticas a qualquer dos lados, mas mantendo elogios autoridades públicas federais, além de sustentar um discurso fortemente voltado ao restabelecimento da paz. O registro fotográfico aparecia assim para a Revista da Semana como a estratégia mais assertiva e sintética para transmitir uma informação propalada como isenta, intentando manter exatamente tal comportamento editorial ao tratar do movimento rebelde gaúcho.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> ROUILLÉ, André. *La photographie: entre document et art contemporain*. Paris: Gallimard, 2005. p. 25.

# Careta: a preeminência da arte caricatural e algumas matérias textuais

Uma das mais importantes revistas ilustradas que circulou no Rio de Janeiro foi a intitulada Careta, editada desde 1908 até a década de 1960. Abordava temas do cotidiano, como o carnaval, o futebol, os bailes, os eventos sociais. Além de aspectos do mundanismo, voltou-se a elementos constitutivos de cunho político, social, econômico, ideológico e religioso. À construção discursiva textual, utilizou-se em larga escala da fotografia e da caricatura. Teve uma proposta inovadora, extremamente popular, tornando-se e verdadeira análise e tipificação da sociedade, além dedicar-se à crítica política e à de costumes<sup>27</sup>. Atuou como uma revista de variedades, com ênfase no humor, alcançando grande circulação e destacando-se imprensa ilustrada da época<sup>28</sup>.

A Careta seguiu um tom de pilhéria, propondo no editorial um programa vasto e sedutor para o público

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 302.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 116.

apreciador das sessões galantes do jornalismo smart<sup>29</sup>. Na sua gênese, intentava constituir uma revista popular, atingindo um grande número de leitores e buscando uma audiência de âmbito nacional30. Com humor, a expressava algumas de suas propostas, revista invocando, jocosamente, as razões de seu próprio título, demarcando que até então trouxera ao público uma "série de caretas" que teriam formado "um alentado álbum", com todas elas "consagradas à sadia tarefa de provocar o riso", levando aos leitores "tantas caretas graciosas"31. Tal magazine transformou-se na mais deliciosa criação gráfica, literária e artística, pelo bom gosto inalterável da sua arte sempre atual, surgindo daí o imenso prestígio que desfrutou, não somente nas classes intelectuais do país, como no seio do povo<sup>32</sup>.

Ao tratar da Revolução de 1923, a *Careta* dedicou alguns textos e lançou mão de pouquíssimos registros fotográficos. A abordagem da revista mais recorrente no que tange ao movimento rebelde gaúcho foi realizada através da arte caricatural. Era uma época em que a apresentação cômica da vida nacional adquiria novas

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 374.

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1909.

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 149-150.

dimensões, de modo que a tradição da representação humorística ganhou maior força e se aprofundou com o desenvolvimento da imprensa<sup>33</sup>. A opção do periódico foi a de um humor moderado, sem necessariamente atingir as autoridades públicas, notadamente as vinculadas ao governo federal, tendo em vista a política coercitiva predominante à época.

Em tal conjuntura, a comunicação pelo humor e pela caricatura ganhou relevo no país avesso à propagação da palavra escrita. Nesse sentido, a válvula de escape do humor funcionou como antídoto contra a censura vigente, bem como o desenho serviu como expressão plausível de fácil e imediata comunicação. De acordo tal perspectiva, constituiu-se o traço caricaturado em uma das linguagens de maior aceitação do Brasil. Tal recurso da ilustração periódica também vinha na esteira de um modismo, reproduzindo o modelo dos jornais caricatos que faziam sucesso na Europa e não seria diferente no Brasil, onde os modismos não tardavam a chegar. Esse gênero se propagou como uma das formas de expressão mais festejadas, em um quadro pelo qual os artistas/jornalistas valeram-se da pedra litográfica como suporte técnico, e da crítica como mensagem de comunicação, ou seja, a litografia permitia a reprodução de custo baixo no território sem tradição de prelos, ao passo que a mensagem se infiltrava decisivamente em meio à sociedade reprimida. Assim, no país de maioria analfabeta, a ilustração foi mais eficaz que a letra, de

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

alcance imenso, levando-se em conta a força da imagem e, dessa maneira, enriquecido, o periodismo potencializou-se com base em litografias precisas, caricaturas inventivas e imagens arrebatadoras<sup>34</sup>.

Desde os intentos rebeldes iniciados em 1922, permaneceram no Brasil as tendências restritivas à liberdade de expressão, com a continuidade do estado de sítio, das práticas coercitivas, do controle policial, da vigilância permanente e da censura, que criaram peias às lides jornalísticas. Tais restrições impostas ao jornalismo foram abordadas pela Careta, durante o ano de 1923. Foi o caso de uma caricatura publicada na capa da revista, na qual a imprensa era metamorfoseada como uma árvore, com cabeça humana, levando uma pena do jornalismo símbolo \_ à cabeca. Como mulher/árvore encontrava-se chorando, um passante perguntava-lhe o motivo, ao que ela respondia que era pela queda das folhas, em referência não só as da vegetação, que tombavam pela ação do inverno, como também dos próprios periódicos - igualmente denominados como "folhas" -, que caíam ao chão, em alusão à política governamental repressiva que lhes tolhia35.

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 26-28 e 44-45.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 jun. 1923.



Em outra caricatura referente à governamental, a imprensa era concebida como uma mulher com a pena e o crayon à mão - em referência à ação jornalística e à arte caricatural, estando ambos amarrados a rolhas, com relação à prática da censura -, envolta em um triângulo e frase que aludia à inscrição da bandeira mineira. Diante da cena, a figura que representava o povo brasileiro, constatava que o processo de retomada da liberdade de expressão estava sendo bastante demorado<sup>36</sup>. Na mesma linha, um jornalista, que buscava sair da geladeira que estaria a silenciá-lo por tanto tempo, encontrava-se ainda receoso de falar livremente diante do "estado de sítio", representado por um militar obeso e de grande altura<sup>37</sup>. Apareceu também a representação de uma "maquete colorida para o monumento à República", na qual a alegoria feminina que simbolizava a forma de governo, sofria com o peso dos vários males que atingiam a nação, enquanto à frente do monumento, outra mulher, designando a imprensa, encontrava-se arrolhada, ou seja, com uma rolha à boca, que lhe impedia de falar livremente. Estabelecer uma lei de imprensa menos repressiva chegou a ser vista como o "Trabalho de Sísifo", ou seja, inviável de realizar, conforme ocorrera com o mito clássico, que tinha de lançar todo o esforço para empurrar uma rocha montanha acima para, ao chegar ao cume, ter de iniciar todo o trajeto novamente<sup>38</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 set. 1923.

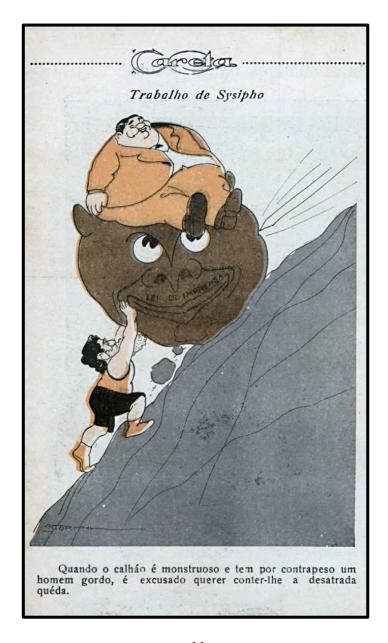
<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 set. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 29 set. 1923.









A continuidade da legislação repressiva foi representada também pela Careta apresentando o Senado como um carrasco, pronto a decepar a cabeça de uma figura feminina, que simbolizava a liberdade políticos<sup>39</sup>. diante do olhar dos Os imprensa, parlamentares eram vistos como uma "orquestra de cegos", que nem tocando "jazz", nem com "sua brilhante oratória", conseguiam regulamentar melhores condições de expressão40. A para liberdade imprensa representada também como uma jovem prestes a ser internada em um convento, o qual era associado à "lei de imprensa", em sentido das restrições impostas ao jornalismo<sup>41</sup>. Na concepção da revista, o Congresso Nacional teria reduzido a "imprensa independente" a um eunuco, tolhido em suas falas<sup>42</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 out. 1923.

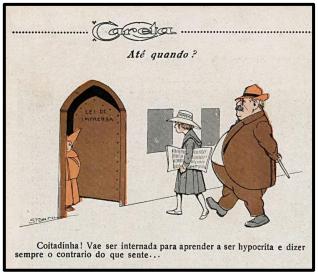
<sup>40</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 out. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 out. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 10 nov. 1923.





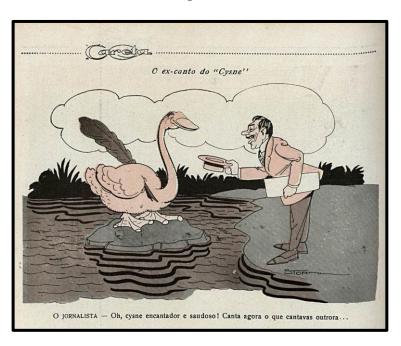




Em outra caricatura, um jornalista tentava fazer com que um cisne com uma pena embaixo da asa - em alusão à imprensa - cantasse como outrora, sem sucesso em sua empreitada, tendo em vista o periodismo ter sido autoridades públicas. calado pelas caricaturista tinha seu instrumento de trabalho, o crayon, interrompido em suas funções, tendo suas pontas inutilizadas<sup>43</sup>. A lei de imprensa e o estado de sítio, representados por duas feras felinas faziam retroceder um homem e uma mulher, que simbolizavam o dístico da bandeira nacional, ou seja, o progresso e a ordem. Ao final do ano, por ocasião dos festejos natalícios, eram entregues presentes ao país, carregados por um político - os impostos -, e pelo personagem que designava a nação - o estado de sítio e a legislação de

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 nov. 1923.

imprensa<sup>44</sup>. Na tradicional passagem de ano, o "velho" dizia ao "novo", não ter certeza quanto à sua identidade, uma vez que sofrera os efeitos da "lei de imprensa", o que lhe deixara na dúvida se realmente representava 1923, ou a data referente a quatrocentos anos antes<sup>45</sup>.



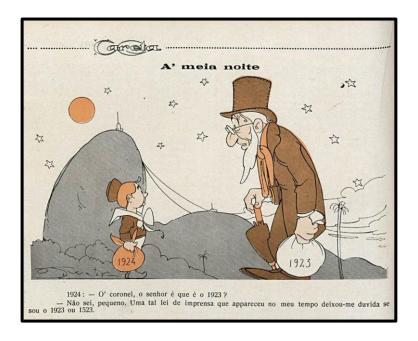
<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.









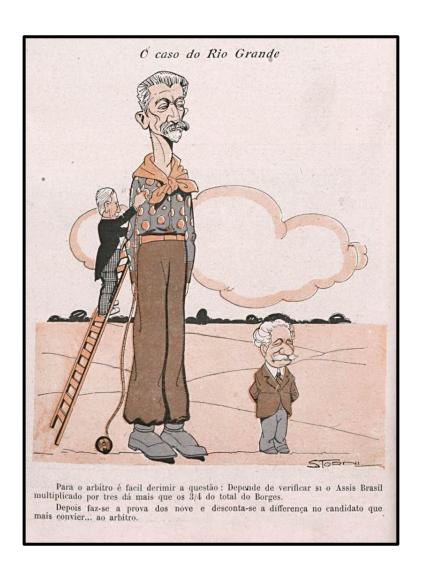
Tal conjuntura coercitiva marcaria a produção caricatural da revista na abordagem dos assuntos sobre a conjuntura sul-rio-grandense. Uma das primeiras incursões da *Careta* ao contexto gaúcho, nos primórdios do ano de 1923, referia-se a mais uma reeleição que fora intentada por Borges de Medeiros, em um quadro no qual tal líder aparecia em tamanho bem maior do que seu adversário na contenda eleitoral, Assis Brasil. A caricatura intitulada "O caso do Rio Grande", tratava-se de um olhar crítico à cláusula constitucional que permitia a reeleição do governante se atingisse <sup>3</sup>/<sub>4</sub> da votação, de modo que, com um jogo de palavras, e um suposto cálculo matemático, que mais parecia alquímico, o qual, inevitavelmente daria a vitória a Medeiros, uma vez que o responsável pela apuração, denominado de

"árbitro", era seu partidário, em clara alusão ao controle do processo eleitoral que cabia à Assembleia dos Representantes, de ampla predominância borgista<sup>46</sup>. Em época de carnaval, a revista fazia uma comparação entre os gastos com os festejos de Momo no passado e no presente. Ainda que o tema central fossem as folias carnavalescas, os termos comparativos se davam exatamente entre os anos de 1893 e 1923, ou seja, aquele que marcava o início da Revolução Federalista, e este, no qual rebentara uma nova revolta, referindo-se assim às constantes convulsões que vinham a caracterizar a formação histórica rio-grandense-do-sul<sup>47</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 jan. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 fev. 1923.



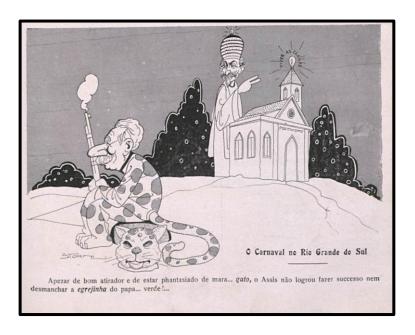


Igualmente levando em conta as características das festas concernentes à época carnavalesca, a publicação humorística carioca apresentava os dois líderes da contenda bélica fantasiados. Nesse quadro, Borges de Medeiros era uma espécie de papa, em relação com a "igreja do positivismo", alusão ao modelo que dominava o Rio Grande do Sul por décadas, fundado por Júlio de Castilhos e consolidado pelo próprio Borges, embasado no ideário comtiano. Já a fantasia de Assis Brasil era a de um "mara... gato", em referência ao termo "maragato", alcunha assumida pelos federalistas, o mais longevo e atuante grupo oposicionista ao castilhismoborgismo. O chefe rebelde estaria apenas "fantasiado" de maragato, uma vez que se tratava de um histórico

dissidente republicano, representando, portanto, uma tendência oposicionista diferenciada, mas que, por ocasião do movimento de 1923, conseguira reuni-las sob a sua lideranca. Assis Brasil, em consonância com a condição de rebeldia, encontrava-se armado com uma espingarda e era até considerado como um "bom atirador", mas que tivera pouco sucesso no intento de "desmanchar a igrejinha" governista, com o uso de termo desqualificar pejorativo para grupos políticos. Finalmente, naquela ilustração satírica do "carnaval no Rio Grande do Sul", Borges de Medeiros era chamado de "papa verde", com referência a uma das cores utilizadas nos lencos dos situacionistas - a outra era a branca - se contrapondo assim ao tradicional lenço vermelho dos revolucionários48.

-

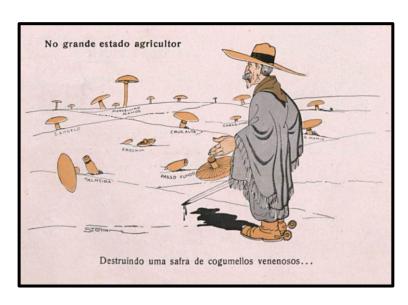
<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 fev. 1923.



Outra caricatura, denominada "No grande Estado agricultor", referindo-se à lavoura, uma das bases da economia sul-rio-grandense, o protagonismo cabia a Borges de Medeiros que, vestido à gaúcha, de espada à mão, ceifava alguns cogumelos, identificados com diferentes localidades sulinas, ou ainda "destruindo uma safra de cogumelos venenosos", como dizia a legenda. A abordagem do desenho não trazia uma apreciação favorável aos rebeldes, embora, ao mesmo tempo, mostrasse vários dos cogumelos ainda intactos, aludindo à perspectiva da continuidade e resistência da revolta<sup>49</sup>. Na capa da revista, o confronto era mais uma vez sintetizado a partir da representação de seus dois

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 fev. 1923.

líderes que se digladiavam. Em um "faroeste gaúcho", ambos com vestimentas consideradas como tipicamente gaúchas, com Borges de Medeiros empunhando dois revólveres e rendendo Assis Brasil que, de mãos para cima, chegava a deixar cair a sua tradicional cuia do chimarrão<sup>50</sup>.



CADETA Die 1. I. ....

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 10 mar. 1923.



Em uma das poucas apreciações textuais acerca da guerra civil no Rio Grande do Sul, a *Careta* apresentou matéria intitulada "O pampeiro político", no qual realizava severa crítica para com a situação bélica sulina, denunciando o mandonismo local e a preponderância dos interesses político-partidários, como causadores da convulsão no Rio Grande do Sul:

A revolta no Rio Grande não logrou um desses brutos sucessos costumeiros pancadarias políticas do nosso meio; é um assunto quase privado que se penosamente pelos telegramas das terceiras páginas dos colegas de grande formato. Mas ainda assim há quem se incomode com episódios de luta que são divulgados. A gente vê, por exemplo, que as paisanadas e gauchadas vêm à flor das águas e fica-se a pensar a quem cabe a culpa dessas taponas. Triste política essa que mata gente com o fim único de sustentar no poleiro um sabido qualquer de carantonha austera ou larga pança. Mas não é só a política quem leva idiotas a brigar pelos outros. Nota-se que no sul abundam os coronéis, façanhudos e displicentes. Ora, se o governo não houvesse enxameado pelo país tanto coronelismo, provavelmente os mais ferozes, sentindo-se menos que soldados rasos, não pensariam em organizar regimentos de eleitores nem exércitos de fanáticos para brigar como se o faz hoje no sul, terra em que os bois dão o exemplo de mansuetude e da indiferença pela miserável

vaidade do mando e pela estupidez da obediência.<sup>51</sup>

O periódico carioca realizou uma apreciação pouco abonadora a respeito de Assis Brasil, indicando que ele estaria "dirigindo a revolução" desde um hotel, mantendo-se confortavelmente em uma poltrona, com os pés apoiados em uma almofada, enquanto lia as notícias de seu Estado natal por meio dos jornais. Ele estaria simbolicamente entregando seu coração a um rebelde, ou seja, seus sentimentos estariam com a flama da luta, embora o mesmo não estivesse ocorrendo em relação ao seu corpo, de modo que os insurretos poderiam contar com ele apenas "espiritualmente" 52.



<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 mar. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 31 mar. 1923.

Ao mesmo tempo a revista tecia críticas aos governistas liderados por Borges de Medeiros, discordando de um jornalista, segundo o qual a violência seria justificada se praticada em nome da legalidade:

Um articulista, que sabe o seu ofício, escreveu, a propósito da revolta dos federalistas no Rio Grande do Sul, o seguinte pedacinho:

"Não somos partidários da violência; mas não vemos absolutamente violência na reação da autoridade, feita em nome da lei."

De sorte que ele é partidário da violência da autoridade. Exato é que ele salva a pátria quando quer a violência feita em nome da lei. Mas, que diabo, a lei? Que lei? Toda lei é a expressão de uma violência (conhecerá ele alguma que o não seja?) e, portanto, ele é partidário da violência. Exceto se, pela violência, abolir todas as leis a começar pelas da lógica elementar.<sup>53</sup>

Em mais uma caricatura, a *Careta* mostrava "Como se pinta a revolução gaúcha", na qual um rebelde apresentava um quadro com apenas quatro personagens, que seria uma alegoria a uma improvável conquista da capital estadual, por uma tropa de quatro mil homens liderados pelo general Zeca Netto. Aludindo a uma suposta inferioridade numérica dos insurretos, a publicação atribuía a Assis Brasil uma pergunta, a respeito de onde estaria todo aquele contingente de combatentes, ao que seu interlocutor respondia que estariam atrás de uma coxilha<sup>54</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 abr. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 abr. 1923.



Uma manifestação pacifista foi apresentada pela revista ilustrada no desenho intitulado "Abaixo as armas!...", no qual a alegoria feminina que simbolizava a República carregava à mão esquerda a bandeira branca da paz, enquanto com a direita fazia uma gesto de lados beligerantes, dois exortação aos que encontravam entrincheirados e com suas armas em riste, ainda fumegando pelos tiros recém-trocados. Nesse quadro a mulher exigia que os contendores, ao invés "de se assassinarem entre si, sem um princípio e sem um ideal", deveriam passar a guardar as fronteiras, tendo em vista as nuvens negras oriundas do Chile, que poderiam estar anunciando uma nova "encrenca

continental", em alusão aos constantes conflitos travados pelos vizinhos sul-americanos<sup>55</sup>.

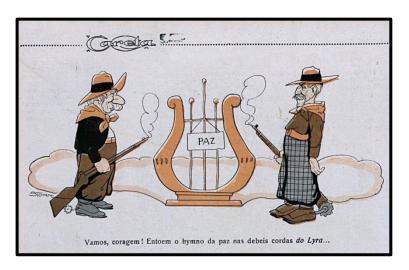


Ainda no sentido da pacificação, a revista mais uma vez trazia as figuras de Assis Brasil e Borges de Medeiros, conclamando-os a tomar coragem, vindo a entoar o hino da paz, utilizando-se para isso de uma lira. A referência era ao político Augusto Tavares de Lira, que foi um dos enviados do governo federal para buscar intermediar uma solução pacífica para a guerra civil gaúcha<sup>56</sup>. No que tange à recorrente participação de

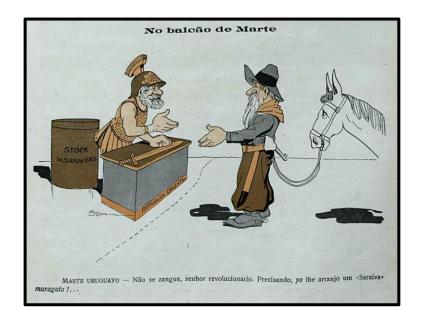
<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 maio 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 19 maio 1923.

contingentes do outro lado da fronteira nas revoluções rio-grandenses, um "Marte uruguaio", em relação à divindade clássica da guerra, no caso um oriundo do Estado oriental, o qual, atrás de um balcão, tal qual um comerciante, negociava a presença de um "Saraiva maragato", ou seja, que, ao invés de tornar-se partidário dos governistas, lutasse ao lado dos rebeldes, como teriam feito na Revolução de 1893<sup>57</sup>.



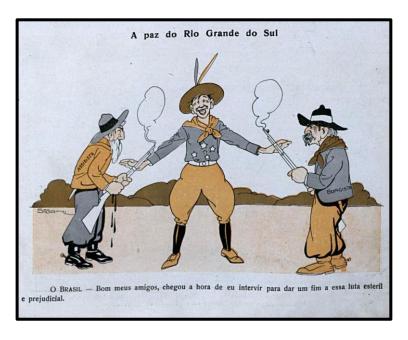
<sup>57</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 jun. 1923.



Uma nova conclamação à paz veio por meio de outra caricatura, na qual um personagem representando o Brasil, com a constelação do Cruzeiro do Sul ao peito, se antepunha diante de um assisista e um borgista, ambos de armas à mão, apelando para que parassem de lutar e dizendo que chegara a hora dele "intervir para dar um fim a essa luta estéril e prejudicial" 58. Com humor, a revista mostrava Assis Brasil mantendo o intento de apear Borges de Medeiros do poder, mas revelando as dificuldades de tal escopo, uma vez que, mesmo com o machado à mão, enquanto seu adversário aparecia com o corpo transmutado em árvore, revelava as amplas dificuldades para "derrubar" o inimigo, tendo em vista o mesmo estar enraizado, em relação ao longo

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 16 jun. 1923.

período que permanecera à frente do governo gaúcho, levando em frente o projeto republicano de perpetuação no controle do aparelho do Estado<sup>59</sup>.



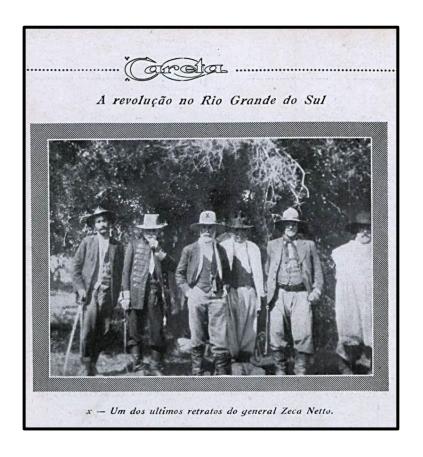
<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 7 jul. 1923.



Apenas em meados de 1923, a *Careta* traria alguns poucos registros fotográficos sobre "A revolução no Rio Grande do Sul", com três fotografias. As duas primeiras traziam a presença de rebeldes, com "um dos últimos retratos do general Zeca Netto", aparecendo este marcado com um "X", estando acompanhado por outros cinco companheiros de armas; e a foto do general Estácio Azambuja, igualmente recebendo um "X" como marca, junto do filho, do genro e de outro combatente, em "uma das últimas fotografias tiradas no acampamento de Bagé". O outro registro se referia às forças governistas, com o "caudilho *blanco*" Nepomuceno Saraiva, um deputado estadual, um oficial da Brigada Militar e vários outros integrantes das hostes borgistas<sup>60</sup>.

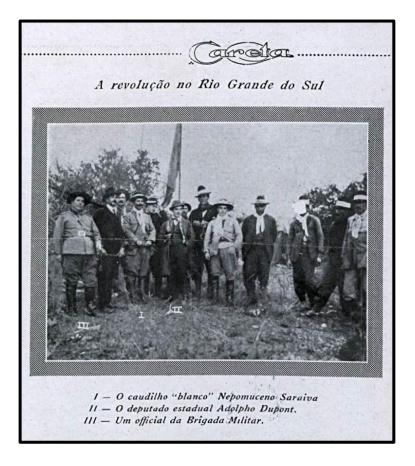
\_

<sup>60</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923.



# A revolução no Rio Grande do Sul

x — O geenral Estacio Azambuja, á sua direita o seu filho e á esquerda o seu genro. Uma das ultimas photographias tiradas no acampamento em Bagé.



No artigo "Ideias e opiniões", o periódico retomava a crítica ao desgaste da guerra civil, considerado plenamente desnecessário, opinando que não se tratava de um conflito movido por ideais:

Aquela gente que se bate no Rio Grande do Sul terá mesmo ideias, ou ideia de alguma coisa? Há meses de luta acesa, as vítimas são numerosas

e até agora não se sabe por que corre o sangue e se enfurecem os contendores.

É espantoso que, depois da desmoralização integral do heroísmo, cuja hipertrofia se verificou na última guerra, ainda haja indivíduos que, sem interesse mediato ou direto, vão até a morte e ensaiem gestos em voga durante os séculos feudais. Entretanto, assim é, com grande espanto de todos quantos pensam que já chegamos a um período em que os sacrifícios só valem pelas conquistas positivas antecipadamente calculadas.

Nada disso há nas campinas do sul. Os eleitores, gente de pouca fé, guardaram seus títulos e empunharam as armas; batem-se pelo poderio que simbolicamente delegaram a dois cavalheiros inimigos e esperam que a vitória caiba afinal, não ao mais votado, mas ao que conseguir exterminar o adversário. O civismo do voto teve como consequência lógica o civismo das armas. Sim, lógica.

Desde que um homem de são juízo e convicção feita abdica do seu direito de se governar a si mesmo e de regular os próprios interesses delegando-os em alguém que não o conhece e tem interesses muitíssimo diversos; uma vez que ele espera a felicidade e a paz, a alegria e a glória da investidura de outrem em posto privilegiado, é justo e lógico que secunde o seu voto com a sua vida. E a morte desse abnegado deve ser tomada pela coisa mais natural do mundo, por ser a que se seguem a um colapso.

Não há nenhuma ideia aí, mas uma opinião; o indivíduo, que toma um partido, entende que deve ir até a morte. Se ele tivesse uma ideia não teria partido algum. Se morresse pela sua ideia

teria feito um sacrifício nobre, exemplificador e útil. E estas mortes são raras.

A opinião é assassina; assanha e desmoraliza, degrada, dissolve, acanalha e massacra, ao passo que a ideia eleva, produz, fecunda, une, esclarece. Esta distinção não é sutil, ao contrário, é escandalosamente verificada.

No nosso estranho país, onde um homem se sente mal quando tem ideias, as opiniões enxameiam. Tem-se de tudo e para todos. Os grandes aproveitadores dos conflitos e paixões duvidosos fabricam opiniões e administram-nas por todos os meios e modos; esmiúçam nuances, esmerilham palavras, detalham gestos, devassam intenções. Todo essa semeadura intensiva de opiniões tem por único fim impedir o surto de ideias e a sua frutificação.

Os fatos, aliás, são de uma clareza impressionante. Os homens sem ideias ocupam as mais altas posições e os idealistas são rudemente corridos e deprimidos. Todas as lutas que ensanguentam e envergonham a nação têm sido travadas em torno de miseráveis. As lutas pelas ideias, a abolição e a república, foram incruentas.

A política vive do ódio, da vingança, da divisão e do sangue. Por ideias? Não, por opiniões; as mesmas opiniões que se renovam em torno dos que vivem da vaidade do mando e da ambição da riqueza.

E, por isso que a vaidade de um representa a humilhação de todos, e que a ambição de alguém se realiza à custa da espoliação dos demais, é preciso dividir as vítimas, semeando entre elas opiniões absurdas e improdutivas.

O homem que pensa está imensamente longe do fanático que opina. O pensamento procura o pensamento, a opinião procura o inimigo. A diferença é enorme.<sup>61</sup>

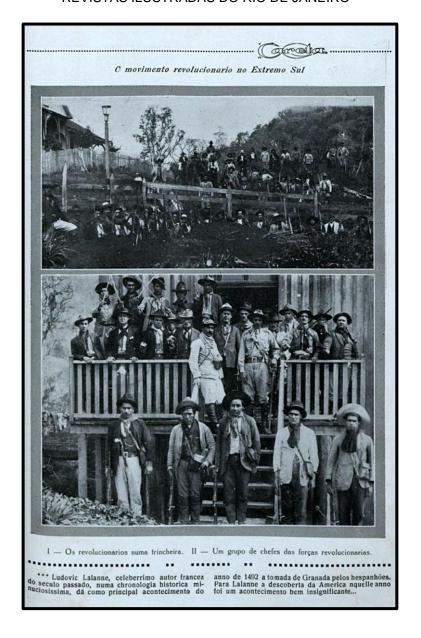
Sem retratar a guerra visualmente, uma nova caricatura trazia a presença de dois rio-grandenses que mateavam, conversando sobre a possibilidade da intervenção federal no sentido de pacificar o conflito sulino. Um deles interrogava se aquele seria o mês da intervenção, ao que o outro respondia que seria o mais provável, por tratar-se do mês de setembro, o que faria jus ao nome do enviado presidencial, o Ministro da Guerra Setembrino de Carvalho. Utilizando-se da fotorreportagem, a revista apresentava "O movimento revolucionário no extremo-sul", com duas fotografias, uma delas contendo "os revolucionários numa trincheira" e a outra com "um grupo de chefes das forças revolucionárias"62.

\_

<sup>61</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 4 ago. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>62</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 1º set. 1923.





Na sessão "Looping the loop", que se referia a empreender uma volta completa, no sentido de uma revisão de alguns dos fatos da semana, a Careta estabelecia o espaço para a publicação de textos editorias. Nesse caso, a respeito dos acontecimentos no Rio Grande do Sul, foi publicada a coluna intitulada "Sangue gaúcho", de acordo com a qual a guerra civil era motivada apenas por interesses meramente políticos vinculados à disputa pelo poder, havendo ao final a manifestação de uma esperança por uma tomada de consciência do povo gaúcho:

O sangue gaúcho é abundante e bom, e quando falamos de sangue não o tomamos na acepção infeliz de valentia nem de temperamento.

Sangue, agora que a guerra europeia matou para sempre a bravura da tabela militar, só pode significar figuradamente como dignidade. Ora, essa dignidade, cada vez menos manifesta nos rebanhos eleitorais de todo país, explodiu no Rio Grande do Sul e vai se manifestando quase imprevistamente fecunda pela tenacidade com que a gauchada se bate há longos meses. No resto do país, porém, o pântano se estende e se aprofunda.

Agora é preciso ver que a luta civil sob um aspecto que os interessados e aproveitadores esforcam-se por mascarar portanto, e, desmoralizar. O gaúcho, bravo, obstinado e generoso, está sendo lamentavelmente embrulhado no arame farpado de uma política repugnante pelos seus fins e pelas suas tendências. O sangue generoso do gaúcho está prodigado, não sendo em proveito

combatentes, mas dos que tranquilamente, no governo de lá e no governo daqui, esperam a exaustão do povo para amarrar-lhe o cadáver à cauda de seus cavalos.

Muita gente tem o horror psicológico das guerras civis, ao passo que exalta e decanta a guerra estrangeira. É que a guerra com o estrangeiro rende mais. Mas quem vê na guerra um engano sinistro e sabe que ela é um elemento de libertação, prefere a civil, que ao menos põe em presença uns dos outros inimigos reais. É o que aproximadamente se dá ou se vai dar no sul. apenas e por enquanto o inimigo real está oculto, fazendo projetos, redigindo leis e pronunciando discursos patrióticos e sentimentais.

O gaúcho ainda não percebeu esse jogo negregado. Mas, como tem sangue e está com as armas em punho, uma vez que é tenaz e não cede assim do pé para a mão, há tempo ainda de verificar a ingenuidade de morrer pelos outros, E então, com o seu sangue vivo e generoso tratará de ganhar a guerra para si próprio.

E tanto é isso certo que os mais prudentes e mais sagazes dos exploradores já vão tratando de arranjar uma paz e uma intervenção propícias...<sup>63</sup>

O parlamentar gaúcho, Luís Soares dos Santos, que buscou estabelecer um projeto pelo qual o governo federal interviria no Rio Grande do Sul, como forma de acabar com o conflito bélico, foi retratado pela revista ilustrada e humorística carioca. O personagem aparecia em maus lençóis, com curativos na cabeça e no rosto e a roupa toda suja com marcas de mãos, em alusão às

-

<sup>63</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 out. 1923.

brigas e aos socos que trocavam dois indivíduos que representavam as frentes em combate no território do Estado sulino. A legenda se referia ao insucesso do político, por ter querido "apartar a briga e *sujou-se* todo!...<sup>64</sup>. Na capa da revista, Soares dos Santos voltaria a figurar, com seu "projeto de intervenção" embaixo do braço, estando acompanhado por um gaúcho de arma à mão, perguntando ao Presidente da República se ele iria lavar "as mãos nos caso rio-grandense"; ao que a autoridade pública, que literalmente executava tal atitude, justificava a mesma, ao dizer que já as sujara "no caso fluminense", no qual ocorrera um recente ato intervencionista<sup>65</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>64</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 out. 1923.

<sup>65</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 out. 1923.





Uma nova missão pacificadora, com o envio do Ministro da Guerra, foi apresentada pelo periódico por meio da caricatura intitulada "O general Setembrino no Sul". No desenho, o militar desembainhava sua espada para enfrentar uma vegetação densa, identificada como "entrada para a paz", buscando desbastá-la, para avançar. De braços cruzados, um gaúcho falava em tom desafiador, colocando em dúvida se o general iria conseguir "abrir uma *picada* nesse mato sem se servir do facão", em alusão a uma possível necessidade do emprego da violência como estratégia para aplacar os ódios e paixões partidárias<sup>66</sup>.

\_

<sup>66</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 out. 1923.



Mais uma vez em meio às matérias em posição editorial, a revista publicou coluna intitulada "A pacificação", na qual observava o caminho da paz como bastante avançado no sul do país. A publicação aplaudia o caráter "piedoso" da missão pacificadora, que, como providência primária, decidira tirar o poder de fogo daqueles que considerava como "fanatizados pela política":

Tudo parece indicar que a missão oficial ao Rio Grande do Sul acabará pelo restabelecimento da antiga pasmaceira política em que vai fermentando a democracia asiática dos nossos últimos tempos.

Não queremos dizer, depois da criação do desembargo do paço, que o gaúcho foi traído e desarmado para que os sucessores da situação do extremo sul possam gozar em paz o fruto de suas manigâncias diplomáticas e pacifistas. Apenas, de acordo com a ética decretada para o jornalismo, cabe-nos o papel de afinar com a orquestra de elogios que a classe vencedora vai escutar entoada pelos vencidos.

O aspecto piedoso da missão que estancou a sangueira nos pampas e nas coxilhas, nas estradas e nas fazendas, nos saladeiros e nas pastagens do mais independente dos nossos estados, não nos impressiona mais que qualquer das beatices e hipocrisias pespegadas à mentalidade nacional pelos fabricantes de opinião a dois tostões.

O essencial da missão era arrancar das mãos dos fanatizados pela política as armas que, de um momento para outro, podiam ser manejadas com fins diversos das da tabela de continências e honras fúnebres. Aplicou-se em grande escala o preceito policial da proibição do uso de armas e a sua facultação a alguns encarregados de manter a ordem que convém. Deu-se, porém, por eufemismo, à missão policial o nome de missão política. E há *tremolos* na orquestra...<sup>67</sup>

-

<sup>&</sup>lt;sup>67</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 nov. 1923.

Mais uma vez na seção de editorias denominada "Looping the loop", o magazine ilustrado apresentava a coluna "A legenda da branca nuvem", na qual se referia novamente ao processo de pacificação do Rio Grande do Sul. No artigo, a publicação observava que a paz em tratativas poderia ter limitações, tendo em vista que não teriam sido resolvidas as questões estruturais que levaram à guerra civil:

A paz no sul, paz de arranjo e de conchavo, que devia salvar a pátria e fazer chover arroz, arrancou do nebuloso céu da República a mancha escura das ameaças inconvenientes. Foi como num céu de teatro por artes do puxa-vidas.

Quem morreu, morreu, não fosse trouxa e quem viveu, que viva e seja alerta. Branca nuvem foi pintada no cenário político. Os nossos artistas da governação conhecem a legenda da paz figurada em largas manchas de alvaiade. Nuvem branca quer dizer que não há nada, que não há mais nada.

Quando se olha o céu e se veem cúmulos de flocando azul dos indeterminados, deixa-se o guarda-chuva atrás da porta e vai-se de palheta para a rua. Ninguém se lembra de que a cor da nuvem é mera escandalosamente perspectiva relativa horizonte da observação. Oue 0 Observatório.

Quem via daqui a nuvem branca pespegada no céu do sul, cria ainda na legenda da paz eterna quando se come sem remorsos. Entretanto, a paz foi imposta ao governo vencido por quem não o pode vencer, e acima e além das causas meramente políticas que levaram à morte alguns

milhares de miseráveis eleitores, continuam as causas profundas por lá, por aqui e na China a agitar os homens e a toldar os céus.

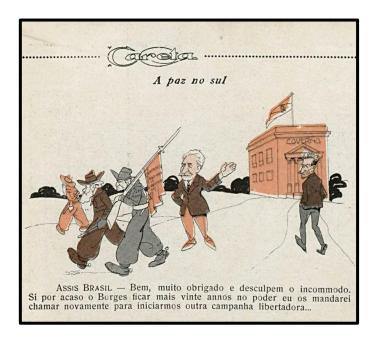
É que a política não faz mais os milagres que os prestidigitadores anunciam.

Tudo isso está determinado. E, assim como uma bala arremessada às nuvens não viola absolutamente as leis da gravidade, também a legenda da nuvem branca não engana a ríspida tormenta dos irrevogáveis determinismos econômicos que marcham do sul para o norte e do oriente para o ocidente.<sup>68</sup>

Ainda levando em conta OS rumos negociações pelo acordo de paz, a Careta apresentava caricatura na qual, enquanto Borges de Medeiros se dirigia tranquilamente, de mãos nos bolsos, em direção ao palácio do governo, olhava o resto da cena, na qual Assis Brasil buscava conformar os rebeldes que, cabisbaixos, pareciam não estar de acordo com a forma pela qual estava se dando a pacificação. Dirigindo-se aos revolucionários desiludidos, o líder rebelde agradecialhes, pedindo-lhes desculpas pelo "incômodo" guerra, permanecendo um irônico aviso que se "o Borges ficar mais vinte anos no poder eu os mandarei chamar novamente para iniciarmos outra campanha libertadora"69.

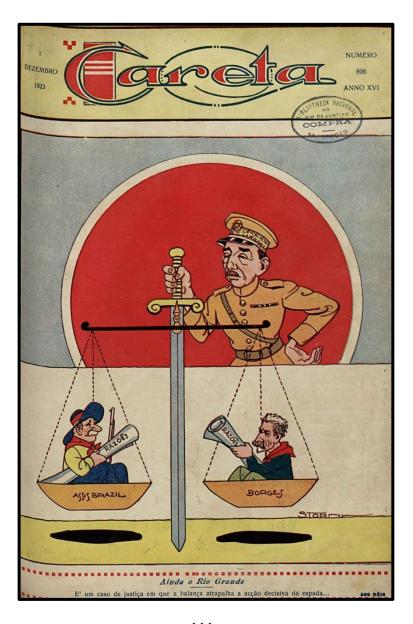
<sup>68</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 nov. 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>69</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 nov. 1923.

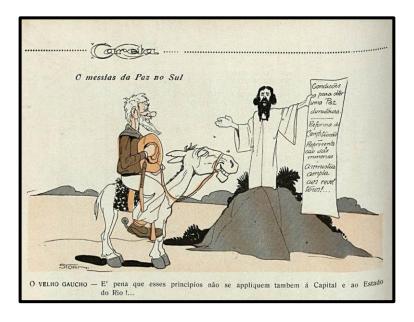


A ação do enviado do governo federal ao Rio Grande do Sul foi representada por meio da arte caricatural na capa da revista, ao mostrar Setembrino de Carvalho segurando a espada, como simbologia do poder, a qual servia como um fiel de balança, nos pratos da qual se encontravam Assis Brasil e Borges de Medeiros, cada um deles com suas respectivas razões. O título da caricatura era "Ainda o Rio Grande" e a legenda fazia referência a "um caso de justiça em que a atrapalha balança a ação decisiva da acreditando a revista que a Presidência da República deveria ser mais incisiva na imposição de condições aos grupos que se enfrentavam<sup>70</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>70</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 1º dez. 1923.



Em "O messias da paz no sul", o magazine ilustrado mostrava um "velho gaúcho", em sua montaria, de chapéu à mão, observando um profeta, que trazia em um papel a lista de "condições para obter uma paz duradoura", que se referia à "reforma da constituição", à "representação das minorias" e à "anistia ampla aos revoltosos", perante as quais o riograndense lamentava que tais "princípios" não fossem também aplicados para a capital federal e o Estado do Rio de Janeiro, em alusão aos rebeldes que atuavam no Brasil desde 192271.



No editorial denominado "Baianadas e gauchadas", a Careta aproximava de forma crítica as

\_

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 8 dez. 1923.

agitações políticas ocorridas na Bahia com a guerra civil em encerramento no Rio Grande do Sul. Nessa linha, afirmava que, "na feira livre dos gestos e carantonhas que abarraca pelos quatro cantos do vasto capinzal sem cerca que é a democracia política", juntaram-se "às gauchadas dos que se entremataram por diferenças de votos, as baianadas dos que se desejam trucidar por diferenças de apoio oficial". Diante disso, questionava quando seria "finita la comedia", pois tais fatos estariam a causar "espanto" a partir dos "desastres de todas as politiquices republicanas", dos quais se desfechava mais "um Caso idiota", que trazia "rios de sangue depois de engolir minas de ouro". Especificamente a respeito do Rio Grande do Sul, a publicação apontava que se tratara de "uma paz de arranjo e de encontro de contas", havendo o risco da continuidade do conflito bélico, tendo em vista "uma impenitente maluquice", que assolava "os mandarins democráticos que se arrogam o direito de dispor dos bens e das vidas dos mais tolos e dos mais ingênuos". O magazine discorria também sobre o caso baiano, criticando o desassossego em tal Estado. Ao final, concluía de modo contundente, afirmando: "façam a guerra uns aos outros em duelos singulares" e "matem-se com decretos ou à navalha, mas não amolem a paciência com gauchadas e baianadas, que nada adiantam e não provam nada"72.

Uma vez finalizadas as tratativas para a pacificação, a revista ilustrada e humorística carioca, ainda em 1923, viria a publicar duas caricaturas acerca do Rio Grande do Sul. A primeira delas chamava-se "A paz do Rio Grande", na qual aparecia Borges de

-

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 dez. 1923.

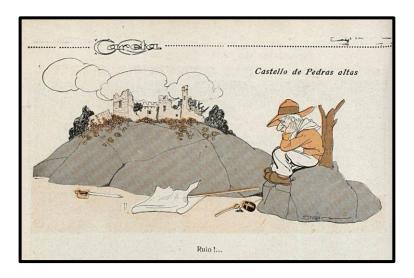
Medeiros, vestido à gaúcha, junto de seus sectários com a mesma indumentária, estando presentes também os enviados pelo governo federal, com destaque para o Ministro da Guerra Setembrino de Carvalho. De modo jocoso e irônico, a publicação realizava um jogo de palavras no diálogo entabulado, no qual, enquanto Borges afirmava que "sempre foi o meu anelo pacificar o Estado", ao que os demais respondiam "É isso mesmo: paz, se ficar...", em referência ao fato de que o líder republicano só teria aceitado a pacificação com a garantia de sua continuidade no poder, ou seja, se ele "ficasse" em seu cargo<sup>73</sup>.



-

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.

Já na última edição de 1923, foi publicada uma outra caricatura, denominada "Castelo de Pedras Altas", na qual aparecia um cabisbaixo e decepcionado Assis Brasil, com a espada, a bandeira da paz, a bomba e a cuia de mate caídas ao chão, enquanto ao fundo o citado castelo, de sua propriedade e onde fora assinada a paz, encontrava-se em ruínas, em alusão ao ponto negociado da pacificação, segundo o qual Borges de Medeiros poderia completar seu último mandato, permanecendo no poder por mais cinco anos, fator que foi considerado por muitos revoltosos como equivalente a uma derrota<sup>74</sup>.



Dessa maneira, para se referir à Revolução Sul-Rio-Grandense de 1923, a *Careta* privilegiou a abordagem por meio da arte caricatural. A caricatura adquire uma dimensão social por meio de seu espírito

\_

<sup>&</sup>lt;sup>74</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 29 dez. 1923.

crítico que julga a sociedade nos seus mais variados setores<sup>75</sup>, apresentando personagens sobre os quais lança questionamentos sobre o seu caráter e sua alma76. Divulgada por meio dos periódicos, a caricatura se consolidou como uma das formas de expressão da imprensa<sup>77</sup>, ao oferecer uma contribuição fundamental ao debate político, incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado<sup>78</sup>. Nesse sentido, a opção da revista carioca pelo uso da caricatura para tratar dos temas revolucionários sul-rio-grandenses vinha ao encontro de seu próprio norte editorial e do contexto de cerceamento então vivido pelo país, de modo que a arte caricatural servia para a manutenção do humor, sem que fossem atingidas diretamente públicas federais, autoridades exatamente as mantenedoras da legislação restritiva. Pouquíssimos foram os registros fotográficos e os editoriais e matérias escritas que complementavam a perspectiva do enforque caricatural do magazine, estabelecido no sentido de criticar a realização de uma guerra civil, que abalava a estabilidade nacional, apenas por motivos de disputas políticas em prol do exercício do poder.

-

<sup>&</sup>lt;sup>75</sup> MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 304.

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> GOMBRICH, E. H. Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 364.

<sup>&</sup>lt;sup>77</sup> LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 64.

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.



A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a Coleção Rio-Grandense. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A Coleção Rio-Grandense tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária







ISBN: 978-65-5306-031-9